

CONTROVÉRSIAS DA LIBERDADE EM UMA SOCIEDADE DE MODA

Liberty controversies in a fashion society

Alessio, Monik Aparecida; Graduanda; Universidade Estadual de Santa Catarina, monikalessio@gmail.com¹
Sant'Anna, Mara Rubia; Profa. Dra; Universidade Estadual de Santa Catarina, sant.anna.udesc@gmail.com²
Grupo de Pesquisa Moda e Sociedade

Introdução

A conquista da liberdade teve e tem grande influencia ao longo dos tempos, e vem desencadeando fatores decisivos na sociedade. Estes são estudados para uma melhor compreensão do entendimento dos sentidos construídos para o corpo e moda na atualidade.

Deste modo, este pôster foi trabalhado em torno do tema que abrange a liberdade na moda e suas controvérsias, sendo proposto pensar em aspectos sociais e culturais que contribuíram para a construção da liberdade na moda, a forma como ela foi e pode ser olhada e representada através de diversos estilistas ao longo das décadas.

Baseada em revisões bibliográficas a pesquisa do seguinte trabalho será desenvolvida a partir das teorias de autores que apresentam diversos conceitos, sendo possível assim, analisar também como os diferentes autores trabalharam a ideia de liberdade e a aplicaram ao corpo e à moda. A pesquisa completa resultou em teorias mais amplas, porém neste pôster será exposta somente uma parte da mesma.

Criadores de rupturas sociais

A moda é considerada um ciclo, onde criadores como costureiros e estilistas, e até mesmo o público, juntamente com suas inovações e atentos aos desejos e aspectos culturais e sociais, introduzem e liberam peças-chave da história a todo o momento. Fontanel (1998), destaca a evolução das mulheres na influencia da criação dos costureiros que incitam a lançar modelos que correspondem melhor a suas necessidades.

O início dos anos 50 produziu um estilo integrado mais estético, mas com o revivamento de velhas restrições, pode-se até considerar que 'não havia

¹ Acadêmica do Curso de Design de Moda CEART-UDESC, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, e Técnica em Produção de Moda pelo Instituto Federal de Santa Catarina.

² Orientadora, Coordenadora do Departamento de Moda CEART-UDESC.

liberdade alguma no vestuário feminino antes de 1968, como se aquela revolução, ao rebelar-se contra os anos 50, tivesse produzido uma libertação única em termos de vestuário do sexo feminino aprisionado desde a idade Média' (HOLLANDER, 1996, p. 185). Segundo a mesma autora, apesar de todo o desenvolvimento conquistado pelas mulheres modernas, entre elas, uma educação de qualidade, carreiras profissionais sérias, o voto e os benefícios de métodos contraceptivos eficientes, não se obteve o respeito universal as mesmas.

Na moda, grandes e importantes costureiros como Madeleine Vionnet, Nicole Groult e principalmente Paul Poiret, valorizaram o corpo, e criaram novas silhuetas, como por exemplo, a cintura colocada no alto do busto. Poiret revolucionou a moda ao suprimir a silhueta em forma de S. Trazendo de volta uma linha mais natural, que não era vista, desde a época do Diretório:

[...] Foi em nome da liberdade que preconizei a queda do espartilho e a adoção do sutiã, que desde então fez fortuna. Sim, libertei o busto, mas entreei as pernas. Todos lembramos dos choros, dos gritos e das dores que causou esse ditame da moda. (POIRET Apud FONTANEL, 1998 , p. 84)

Figura 1: Vestido criado por Paul Poiret (<http://www.pinterest.com/pin/112590059409039901/>), 1910.



A moda sempre requer algo novo, mesmo assim o extrai do passado. Por isso, segundo Steele (1997), ao se criar um espartilho considera-se uma maneira mais jovem de se pensar no conforto. Apesar dos espartilhos recentes serem visivelmente poderosos eles não são muito estruturados. Não são apertados e na sua maioria, são fechados com zíper.

Ainda a mesma autora, cita Fakir Musafar, uma figura-chave no mundo da modificação corporal, que identificou “três tipos básicos de pessoas” que vestem espartilhos hoje em dia:

Primeiro, há os que ele chama de “não-conformistas com espartilhos”, que querem “mudar o formato do corpo... e realizam algum tipo de ideal estético”. [...] Segundo, há o “identificacionista de espartilhos”, que associa espartilhos a “feminilidade e a roupas íntimas femininas”. [...]. Em terceiro lugar estão os “masoquistas com espartilhos” que apertam para “criar desconforto erótico” [...] Há também, é claro, os seguidores de moda - em menor número do que no século XIX, mas em número suficiente para que sejam considerados. (MUSAFAR apud STEELE, 1997, p.68).

E hoje o que podemos seguir de referencia que representa um pouco da liberdade conquistada até os dias atuais, já foi mencionado em 1984, pelo estilista Calvin Klein, onde resolveu deixar bem claro que, ‘numa sociedade liberada como a dos dias de hoje, nada mais natural do que homens e mulheres partilharem as mesmas roupas íntimas.’ (KLEIN apud HAWTHORNE, 2009, p. 115).

A conquista pela escolha, pela liberdade, onde não predomina sexo, nem raça, e culturas, é um direito de todos, exercidos pela influencia de um grande grupo.

Considerações Finais

A moda existe para satisfazer o desejo das pessoas, e como este está sempre em constante mudança, juntamente com o passar do tempo, o uso das peças tem um tempo de vida provisório, e não importa o quão forte esta peça esteja presente, protestos contra os modos aceitos sempre estiveram ocorrendo na vida comum da moda. O que move a inovação é o direito da liberdade, e está é induzida pelos acontecimentos de cada época.

Não podemos julgar certas peças presente no uso de épocas diversas a nossa, como agressivas ou privativas da liberdade, pois só entende verdadeiramente o significado de usar referente peça, quem viveu naquele contexto. Um exemplo que a autora Steele faz, comparando o uso do espartilho agressivamente apertados ao balé, deixa muito clara esta percepção de diferentes vivencias e significados: ‘O balé é culturalmente aceito e espartilhos não são, mas em ambos os casos você treina o corpo. O balé é rigoroso para os pés, mas o resultado é aceito como sendo lindo.’ (STEELE, 1997, P.93).

Resultado lindo, que aos olhos de quem aprecia a dança não parece nem um pouco agressivo para a bailarina, devido sua leveza nos paços, e esta mesmo sofrendo com seus dedos atrofiados, supera tudo com muita elegância e tendo a sensação do prazer em dançar sua musica que desvincula qualquer dor proporcionando sim, um conforto imensurável e psicológico.

Referencias

TEIXEIRA, Sérgio Alves. Produção e consumo social da beleza. *Horizontes Antropológicos*, n.º 16, p. 189-220, dez de 2001.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, n.º 1, p. 24-34, 2011.

DAHRENDORF, Ralf. O Futuro da Liberdade. In: *Sociedade e Liberdade. Pensamento Político. Tradução e Apresentação de Vamireh Chacon*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 239-271.

FONTANEL, Beatrice. *Espartilhos e sutiãs: uma historia de sedução*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

HAWTHORNE, Rosemary. *Por baixo do pano: a história da calcinha*. São Paulo: Matrix, 2009.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LIMA, L. O. *Os mecanismos da liberdade: microssociologia*. São Paulo: Polis, 1980.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACEDO, B, Uiratan. *A idéia de Liberdade no Século XIX: o caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

NAVARRI, Pascale. *Moda & inconsciente: olhar de uma psicanalista*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2010.

PRADO, Caio Jr. *O que é liberdade? Capitalismo x Socialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

RAMOS, Antonacci Célia Maria. *Teorias da Tatuagem*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2001.

ROSSETTI, Ana. *Roupas íntimas: o tecido da sedução*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAMPAIO, Rodrigo P. de A.; FERREIRA, Ricardo Franklin. *Beleza, identidade e mercado. Psicologia em Revista*, n.º 1, p. 120-140, abr. 2009.

SANT'ANNA, Bernuzzi Desine. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Editora Liberdade, 2005.

STEELE, Valerie. *Fetichismo: moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

WILSON, Elizabeth. *Enfeitada de sonhos: moda e modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1989.